

O jornalismo na Pandemia da Covid-19: uma análise da plataforma de fact-checking “Aos Fatos” no combate às fake news

Covid-19 Pandemic journalism: an analysis of the fact-checking platform “Aos Fatos” in the fight against fake news

Vinícius da Silva COUTINHO¹
Maria Aparecida Mota da SILVA²
Ruthy Manuella de Brito COSTA³

Resumo

O trabalho trata da importância do Jornalismo nos tempos de pandemia, abordando como as *fake news* vêm se proliferando. O objetivo é analisar a atuação da plataforma de *fact-checking* “Aos fatos” no combate às *fake news*, durante a pandemia da Covid-19. Os objetivos específicos são: estudar a relação entre a liberação do polo de emissão e a disseminação das fake news; compreender como a pandemia se tornou um ambiente propício à proliferação de fake news e identificar as ferramentas utilizadas pela plataforma de fact-checking ‘Aos fatos’ ao checar as informações, elencando os principais tipos de informações falsas investigadas pela plataforma em estudo e seus impactos sobre o público. Os principais autores utilizados são Costa (2018); Lemos (2004, 2005, 2008) e Monteiro (2018). A metodologia inclui revisão bibliográfica e análise de conteúdo com abordagem qualitativa. Os resultados mostram a importância do trabalho realizado pelas plataformas de checagem no combate à desinformação.

Palavras-chave: *Fake News*. Internet. Redes Sociais. *Fact-checking*. Aos Fatos.

Abstract

The work deals with the importance of Journalism in pandemic times, addressing how false news is proliferating. The objective is to analyze the performance of the facts verification platform “To the facts” in the fight against false news, during the Covid-19 pandemic. The specific objectives are: to study the relationship between the release of the emission pole and the dissemination of false news; understand how a pandemic has become an environment conducive to the proliferation of false news and identify the tools used by the fact-checking platform 'facts' when checking as information, listing the

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).
E-mail: viniciuscoutinho96@gmail.com

² Graduando do Curso de Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA).
E-mail: smaparecidamota@outlook.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (PPGCOM/UFPI). Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - NUJOC/UFPI.
E-mail: ruthymanuella@hotmail.com

main types of false information investigated by the platform under study and its impacts on the public. The main authors used are Costa (2018); Lemos (2004, 2005, 2008) and Monteiro (2018). The methodology includes literature review and content analysis with a qualitative approach. The results show the importance of the work carried out by the checking platforms in combating disinformation.

Keywords: Fake News. Internet. Social networks. Fact-checking. Facts.

Introdução

Desde o início da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, que se espalhou rapidamente em várias regiões do mundo, com diferentes impactos, a população seu viu refém, além do vírus, da disseminação, em larga escala, de *fake news* sobre o assunto. O presente trabalho traz à tona a discussão sobre a importância do Jornalismo nos tempos de pandemia, abordando como as *fake news* vêm se proliferando e atrapalhando o trabalho dos cientistas, dos técnicos da área da saúde que estão na linha de frente combatendo a doença, bem como, os impactos sobre a população que fica exposta a conteúdos inverídicos e/ou sem fundamentos.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como se deu a atuação da plataforma de *fact-checking* ‘Aos fatos’ no combate às *fake news*, durante a pandemia da Covid-19. Para tanto, os objetivos específicos são: estudar a relação entre a liberação do polo de emissão e a disseminação das *fake news*; compreender como a pandemia se tornou um ambiente propício à proliferação de *fake news* e identificar as ferramentas utilizadas pela plataforma de *fact-checking* ‘Aos fatos’ ao checar a veracidade das informações, elencando os principais tipos de informações falsas investigadas pela plataforma em estudo e seus impactos sobre o público.

No curso do trabalho, abordamos a relação entre a *cibercultura* e a disseminação das *fake news*; a pandemia da covid-19 como cenário propício à proliferação das *fake news* e como o jornalismo vem trabalhando para combatê-las. Assim, compreendemos a importância significativa do trabalho das plataformas de checagem no combate à desinformação.

Relação entre a *cibercultura* e disseminação das *Fake News*

Antes de tratar sobre disseminação das *fake news*, é essencial entender as raízes dessa questão. Iniciamos discutindo sobre a cultura formada através do convívio do homem com internet; a vida em rede. E, sobre esse assunto, Castells (1996) pontua que as novas formas de comunicação sem fio estão redefinindo o uso do espaço de lugar e dos espaços de fluxos. Assim, chegamos à era da *cibercultura*, que é caracterizada principalmente pela formação das comunidades virtuais. Assim, Lemos (2002) explica que a *cibercultura* solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que a rede passe a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada. E é isso que vivenciamos neste momento e, como nunca antes, de forma potencializada com grande contribuição das redes sociais na internet.

Nesse panorama, Lemos (2008) apresenta três leis que envolvem a *cibercultura*: a liberação do polo de emissão, a conexão generalizada e a reconfiguração da paisagem comunicacional. Sendo assim, Lemos (2008, p. 08), explica que “a liberação do polo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede”. Assim, a pessoa produz conteúdo, publica, curte, comenta e compartilha, diferente de antes, que o poder sobre a emissão de informações se concentrava apenas nas mãos de alguns e público era considerado massivo e passivo às notícias.

Com essas mudanças nos fluxos comunicacionais, percebemos que o público passa a ser ativo do processo de comunicação. Assim, nesse momento, é necessário contextualizar *fake news* com a hipótese dos usos e satisfações, dentro das teorias da comunicação. Os estudos dos usos e satisfações foram feitos por Joseph Klapper e quem os explica é o autor Wolf (1995), dizendo que o público tem necessidades a serem satisfeitas. O autor frisa ainda que o contexto social pode relacionar-se com o tipo de necessidade de cada pessoa.

Colocando isso no contexto de pandemia, de um lado temos pessoas que tem necessidades a serem satisfeitas através dos conteúdos que recebe, como por exemplo, indivíduos que duvidam da existência do novo vírus. Do outro lado temos as *fake news* que geralmente são passadas à frente porque a informação está de acordo com as suas crenças pessoais. Como explica Costa (2018, p. 28), “além das influências emocionais,

a maioria dos leitores não certifica as fontes das informações antes de compartilhá-las”. Essa é uma das principais maneiras que as *fake news* encontram para se proliferarem. Assim, a pós-verdade está atrelada às explicações desse contexto. Sobre isso, Costa (2018, p. 26) explica que:

A verdade passou a ser fragmentada, em que não consiste em uma totalidade, sendo apenas parte de um acontecimento com várias versões e pontos de vista diferentes, implicando na disseminação das *fake news*, que se apropriam de assuntos para proliferar meias verdades, potencializando boatos para manipular a opinião pública.

Lemos (2008) complementa que a conexão generalizada é a participação e a colaboração de pessoas nos conteúdos e a reconfiguração da paisagem comunicacional da indústria cultural se refere à ideia de modificação dos fundamentos das instituições sociais e das práticas comunicacionais. No cenário atual, é nítido que essas leis têm se apresentado na sociedade e de forma cada vez mais frequente e a forma de viver vai se tornando cada vez mais dependente das conexões através das telas.

Lemos (2004, p. 15) fala sobre a internet e considera que ela “é o foco de irradiação de informação, conhecimento e troca de mensagens entre pessoas ao redor do mundo, abrindo o polo da emissão”. E essa liberação do polo de emissão se tornou ainda mais nítida. Basta olharmos para como se dá o comportamento dos usuários das mais diversas plataformas digitais que, em sua maioria, estão a todo momento publicando, curtindo, comentando e compartilhando.

E é nesse ponto que entramos em nossa problemática, pois possibilitar a qualquer pessoa e a qualquer momento essa produção, torna-se algo perigoso e gera um cenário em que a sociedade fica em meio a um bombardeio de informações e que nem sempre são verídicas. Desse modo, surge o contexto bem atual, onde as *fake news* vêm se sobressaindo e gerando grandes impactos à sociedade. Nessa linha de pensamento, Blikstein e Fernandes (2018, p. 23), complementam pontuando sobre a habilidade das *fake news* “em reforçar ideologias e preconceitos através dos mecanismos que direcionam o conteúdo para o público nas redes sociais”.

As *fake news* não acontecem despropositadas. Atendem diversos tipos de interesses, inclusive políticos. Assim, percebemos que a produção das *fake news* modifica a vida e a percepção das pessoas sobre os assuntos nelas envolvidos. Elas servem tanto para construir como para destruir ideias, pessoas, instituições, grupos políticos e etc. Tornando-se assim algo bastante perigoso e que precisa de uma atenção

redobrada tanto pela população que consome essas informações, como também pelos profissionais da comunicação.

Desse modo, Blikstein e Fernandes (2018) alertam: “É impressionante não somente a quantidade de gente que pode ser atingida, mas também a velocidade com que o fenômeno ocorre, muito além da capacidade reguladora do Estado ou coercitiva de qualquer organização da sociedade” (BLIKSTEIN e FERNANDES, 2018, p.23). E notícias falsas, parcialmente falsas ou até mesmo algo verdadeiro só que colocado fora de contexto têm ficado cada vez mais em evidência em nossa sociedade, por isso, é importante discutirmos sobre a temática para podermos realizar o combate. Atualmente, com a Pandemia da Covid-19, observamos nitidamente que a mesma tem se tornado um cenário propício para a proliferação das *fake news*.

A Pandemia da Covid-19 e as *Fake News*

No dia 11 de março de 2020 o surto de Covid-19 foi classificado como pandemia. Devido à expansão rápida por todo o mundo, muitas notícias falsas, parcialmente falsas ou fora do real contexto começaram a surgir e se espalhar. Assim, Frias Filho (2018, p. 42) acredita que “pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas *fake news* em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas”.

Dessa forma, temos um casamento perfeito entre o cenário desconhecido e instrumento de produção e reprodução das notícias, de forma massiva através da internet (principalmente, das redes sociais). As pessoas estão ansiosas para entender as causas e os porquês do que vem acontecendo, ficando ainda mais vulneráveis a acreditar nos conteúdos que recebem.

Lemos (2004, p. 15) explica que “é essa liberação que, vai marcar a cultura da rede contemporânea em suas mais diversas manifestações”. Nesse sentido, já se tem observado que as *fake news* estão marcando a nossa era e de forma cada vez mais severa. Ademais, Alves, Coutinho e Carvalho (2019, p. 05) destacam que “essa cultura que surge a partir do convívio entre as pessoas no mundo virtual, permite que comunidades sejam criadas, com diversas características específicas”.

Dentre essas comunidades citadas, está justamente a comunidade que foi criada para produzir e propagar de forma massiva as *fake news*. Essa comunidade atua com

interesses específicos e acaba atingindo a população das mais diversas formas. As pessoas recebem essas ‘informações’, acreditam nelas e repassam para as demais de seus vínculos sociais, atingindo assim os objetivos de quem detém o poder sobre esse imenso aparelho de distribuição das *fake news*. E, a cada nova informação recebida, fica o questionamento: de onde vem e qual o intuito disso?

Dessa maneira, foi necessária uma reconfiguração da atuação jornalística e as plataformas de *fact-checking* entraram em evidência e têm se tornado cada vez mais protagonistas. Essas mudanças nas rotinas foram previstas em 2008 quando Lemos afirmou que a *cibercultura* “trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes”. (LEMOS, 2008, p. 18)

Em meio a isso tudo, o jornalismo entra, de certo modo, em crise e acaba tendo sua credibilidade colocada em dúvida, já que as pessoas passam a duvidar e se questionar se as notícias que recebem são verdadeiras ou não. Muitas vezes duvidam da imprensa porque como todas as pessoas têm a possibilidade de produzir os conteúdos, fica mais viável acreditar nos conteúdos de quem é conhecido, é próximo e/ou tem um pensamento similar ao seu. Assim, Rocha, Lavarda, Silveira (2018, p. 03) afirmam que “a crise de confiança no jornalismo faz supor que o senso de legitimidade do jornalismo estaria morto”.

As agências de checagem são responsáveis por verificar a veracidade das notícias que estão em circulação em todos os tipos de veículos, não só na internet. E é por esse motivo que a presença dessas plataformas de *fact-checking* se tornou imprescindível, o jornalismo não morreu, mas se reconfigurou. E essa mudança é constante, não é só da era das ‘falsas notícias’, desde que a conexão é em rede e a emissão está liberada, essas adaptações e readaptações têm acontecido com frequência no meio jornalístico. Como explica Barbosa (2013, p 43), “os dispositivos móveis estão reconfigurando a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas”.

Percurso metodológico

Os procedimentos metodológicos deste trabalho pautaram-se em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo com abordagem qualitativa. Gil (2017, p. 28) afirma que "a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado". Dessa

forma, compreende-se que todo o material consultado durante a pesquisa se enquadra como pesquisa bibliográfica, com intuito de buscar conhecimento sobre o tema abordado. Nessa perspectiva, Cordeiro, Oliveira, Guimarães (2007, p. 02) explicam que “a revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção”.

Sobre análise de conteúdo, Lago e Benetti (2010, p.127) afirmam que “pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios”. Bardin (1977) revela que a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas utilizadas na análise das comunicações. Sobre a abordagem qualitativa, Souza e Kerbauy (2017, p. 35), afirmam que esse método trata “dos fenômenos reais, atribuindo sentido concreto aos seus dados”.

No dia 01 de maio de 2020, foram realizadas as buscas preliminares para definição da amostra, utilizamos como palavras-chave: Pandemia, China e Covid-19. A partir disso, foram definidas como amostra as 9 primeiras informações checadas pela plataforma, sobre a temática, tendo em vista que abrangem temas diversos com selos de checagem distintos e diferentes datas de publicação (entre 20 de março e 27 de abril de 2020). Os critérios definidos para análise foram: 01) selos de checagem; 02) formas de divulgação da checagem; 03) possíveis impactos sobre o público e 04) principais temas abordados.

Aos Fatos: o jornalismo no combate às *Fake News*

A 1ª matéria analisada⁴ foi sobre a eficácia do uso da cloroquina para a cura da Covid-19. Na checagem da matéria foi detalhado que é falso que haja um estudo americano que diga que a hidroxicloroquina seja eficaz no tratamento contra o vírus. A plataforma não encontrou nenhum estudo científico concluído e assinado por pesquisadores norte-americanos. Segundo a ‘Aos fatos’, a desinformação foi propagada nas redes, por meio de vídeo gravado por um médico. Na gravação, posteriormente apagada do perfil no *Instagram*, ele diz que as pessoas devem comprar o remédio, já que “devido a toda essa pandemia, pode vir a faltar”. De acordo com a agência de

⁴ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/video-engana-ao-afirmar-que-foi-descoberto-remedio-eficaz-contra-covid-19/> acesso em 02 mai. 2020.

checagem, é distorcida a informação que o medicamento seja bastante utilizado na China. Nesse caso, todas as publicações foram marcadas como falsas, na rede social. Nessa verificação a plataforma usou dois selos de identificação: falso e distorcido. Aqui podemos perceber o quão egocêntrico o homem se torna, pois, ao passo que disseminam notícias sem teor verídico, divulgam de acordo com suas crenças e ritos pessoais, estão contribuindo para que a desinformação seja propagada, uma consequência negativa, principalmente, nesse contexto de pandemia que pode gerar caos.

A 2ª matéria checada⁵ dizia que o surto do vírus (H1N1) matou mais pessoas que o da Covid-19. A verificação traz o detalhamento sobre o surto e que não é verdade que ele foi mais letal e contagioso. As publicações desse cunho nas redes sociais sugerem que a mídia exagera na cobertura da atual pandemia com o intuito de prejudicar o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Trata-se de uma distorção ao comparar os números mostrados entre as primeiras semanas de contágio da covid-19 e os oito meses acumulados da gripe suína. Assim, o fenômeno das redes sociais possibilitou as pessoas uma maior interação sobre o que acontece no mundo. Essas ferramentas possibilitam ao usuário uma maior autonomia e poder, trazendo malefícios significativos no contexto das *fake news* e causando danos irreparáveis em alguns casos.

Levando em consideração o estudo das *fake news* como propulsoras de um ciclo vicioso, e, usados para um fim, traz a discussão de como um jornalismo sério é importante nesse processo de desmitificação. Assim, conforme Monteiro:

O jornalismo pode contribuir com a sociedade de modo que, sempre que surgir alguma Fake News, ele possa estar a fazer uso dos veículos de comunicação para elucidar se os elementos são verdadeiros ou não e como aconteceram, uma vez que ainda exista essa confiabilidade ante os cidadãos”, (MONTEIRO, 2018, p. 27).

A publicação foi impulsionada pelo pastor Silas Malafaia em seu perfil oficial do *Facebook*, e gerou cerca de 10 mil interações sendo mais de três mil compartilhamentos, gerando um desencadeamento de várias outras publicações parecidas em perfis de pessoas anônimas nas redes sociais. Após a checagem todas as publicações foram marcadas com o selo de Falso na ferramenta do *Facebook*. As informações publicadas em redes sociais geram maior engajamento quando são

⁵ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-inicio-do-surto-de-h1n1-foi-mais-mortal-que-o-de-covid-19/>. Acesso em 01 mai. 2020.

publicadas por figuras públicas. Quando se trata de conteúdo falso, induz as pessoas ao erro.

Em concordância com os fatos citados e a análise feita pela agência de checagem é que, a disseminação das *fake news* ganhou uma maior incumbência pelo fato das redes sociais serem ferramentas de disseminação de conteúdo em tempo real, possibilitando assim o usuário interagir em tempo real, curtindo, comentando e compartilhando as publicações sem checagem nenhuma.

Dessa forma, o processo de tentativa de diminuir o alastramento das notícias falsas acaba sendo um quadro preocupante pela dificuldade de controlar a disseminação, uma vez que as pessoas não colaboram. Pois, são seres apegados a suas crenças, digamos que cheios de razões o suficiente para acreditar naquilo que eles querem que seja verdade, mesmo sendo mentira. (MONTEIRO, 2018, p. 19).

A autora acredita ainda que o jornalismo seja primordial para a desestabilização das *fake news* no contexto ao qual estamos inseridos, pois ele dispõe de duros critérios para investigar toda informação. A 3ª notícia checada⁶ foi a que o presidente Jair Bolsonaro nega orientações da ciência e distorce informações para minimizar pandemia. A matéria começa falando sobre o terceiro pronunciamento do Presidente da República, negando informações de pesquisadores, enumerando dados incorretos e fazendo afirmações insustentáveis e falsas para minimizar o problema da pandemia do novo coronavírus. A equipe do Aos Fatos conferiu o pronunciamento, onde o chefe de Estado minimizou os riscos da Covid-19, comparando-a com uma simples gripe. Essa fala contradiz estudos publicados em todo o mundo, uma vez que a plataforma citou o exemplo do estudo da Universidade de Bern, que estimou que a covid-19 apresenta uma maior letalidade, com 1,6% comparado com o de uma gripe normal, que é de 0,1%.

A plataforma colocou vários selos no decorrer do discurso do presidente e outra fala destacada na análise feita foi: “o que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? ”. Assim, a plataforma discorre sobre que, apesar de que o grupo de risco sejam os idosos, os cientistas e as autoridades sanitárias consideram que crianças são potenciais disseminadores da doença. Desse modo, invalida o argumento do presidente, pois o fechamento dos centros de ensino ajuda na contenção da doença. Ademais, o

⁶ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/bolsonaro-nega-orientacoes-da-ciencia-e-distorce-informacoes-para-minimizar-pandemia/>. Acesso em 01 mai. 2020.

cancelamento das aulas presenciais foi fruto de medidas sanitárias realizadas em mais de 150 países com casos confirmados, dados divulgados de acordo com levantamento feito pela Unesco.

Outro selo atribuído foi o de contraditório. Nessa parte: “desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos Ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo”. A declaração é incoerente porque, de acordo com uma entrevista do próprio presidente no dia 31 de janeiro de 2020, custava muito caro voo até o país asiático, descartando a possibilidade de realizar a operação. Com pouco tempo depois o presidente mudou seu discurso, após brasileiros em Wuhan gravarem vídeos endereçados à presidência e ao Ministério das Relações Exteriores, solicitando ajuda para retornarem ao Brasil.

Em uma parte do seu discurso, o presidente afirma que “90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine”. Esse trecho foi marcado como insustentável, pois não há estudos conclusivos sobre a proporção de casos assintomáticos afetados pela Covid-19, levando assim uma etiqueta de insustentável. O chefe de Estado brasileiro foi impreciso quando disse que “Uma ‘gripezinha’ ou ‘resfriadinho’, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão”. Aqui, de acordo com a plataforma, ele faz menção ao vídeo publicado pelo Dr. Dráuzio Varella em seu canal no *YouTube* em 30 de janeiro antes de ter sido decretado pandemia mundial, em que afirmou que o novo coronavírus causaria na maioria da população um “resfriadinho de nada”. Bolsonaro omitiu que o médico já se corrigiu ao menos três vezes, alertando sobre a importância da prevenção e do isolamento social, tornando a fala do presidente, imprecisa.

A 4ª matéria checada⁷ foi a que o presidente chinês teria dito que a pandemia era o início de uma nova era para o socialismo. A informação é falsa. Publicações nas redes sociais circularam com esse teor, com pelo menos 2.000 compartilhamentos. O conteúdo considerado enganoso foi marcado como falso nas ferramentas de verificação. O discurso aconteceu em 2017 e passou a ser circulado nas redes sociais como se fosse atual, fazendo referência a atuação do país no combate ao novo coronavírus.

⁷ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/presidente-chines-nao-disse-que-pandemia-e-inicio-de-nova-era-para-o-socialismo/>. Acesso em 01 mai. 2020.

A 5ª notícia checada⁸ diz que “É falso que o filme chamado “Coronavírus” foi lançado em 2013”. De acordo com a plataforma, não é verdade. A imagem que circulou nas redes foi adulterada de uma produção norte-coreana (THE FLU), ‘A gripe’ em português. A produção aborda sobre uma epidemia de H5N1, a gripe aviária. Na 6ª notícia checada⁹, temos a fala do ministro que foi utilizada nas redes sociais de forma distorcida, como diz o próprio selo dado pela plataforma, já que se trata de um vídeo ‘antigo’, colocado fora de contexto.

Segundo a ‘Aos fatos’, a publicação foi “compartilhada pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e por perfis favoráveis ao governo. A gente chama atenção para a notícia, distorcida, compartilhada por um líder político, que possui uma relevante notoriedade na sociedade. Segundo a ‘Aos fatos’, a publicação de Eduardo Bolsonaro já havia atingido 41 mil pessoas e 10 mil compartilhamentos nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. A plataforma de checagem informou ainda que todas as publicações, sobre este assunto, no *Facebook* foram marcadas com o selo “Distorcido”, a agência vem fazendo isso em parceria com a rede social desde maio de 2018. Para embasar sua checagem, a ‘Aos Fatos’ utilizou um *print* do vídeo mais recente das medidas contra a covid-19, anunciadas pelo ministro de Israel.

A agência informa ainda que “publicações que difundiram o material omitem que o próprio ministro se corrigiu quatro dias depois, em vídeo publicado na sua conta oficial, e defendeu o distanciamento para todos”. A plataforma de checagem complementa mostrando que essa não é a primeira *fake news* difundida dentro desse tema, pois a própria agência já havia checado informações enganosas relacionadas a Israel. Com isso, observamos que os interesses por trás da difusão dessa notícia distorcida tentam fazer a sociedade se questionar sobre o isolamento social, duvidando de sua eficácia, ao tempo em que coloca o Brasil em comparação com um país de realidade totalmente distinta (Israel). Ao utilizar esse vídeo, fora do real contexto, leva os cidadãos a acharem que só os idosos devem permanecer em isolamento.

⁸ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-filme-chamado-coronavirus-foi-lancado-na-china-em-2013/>. Acesso em 01 mai. 2020.

⁹ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/video-em-que-ministro-de-israel-defende-isolar- apenas-idosos-e-anterior-restricoes-no-pais/>. Acesso em 01 mai. 2020.

A 7ª notícia checada¹⁰, também distorcida, versa sobre uma foto que atribui a cura de um paciente com covid-19 a hidroxicloroquina. A agência informa que a foto usada pelo site Senso Incomum para fazer propaganda da substância, foi compartilhada pelo senador Flavio Bolsonaro, mas é, na verdade, uma imagem de um paciente com enfisema pulmonar internado em 2019 na UTI do hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre.

Desse modo, percebemos a similaridade com a notícia analisada anteriormente, já que mais uma vez a *fake news* está diretamente ligada à política e compartilhada por uma figura pública e, assim, a notícia distorcida é consumida por milhares de pessoas. A plataforma apresenta os dados verdadeiros sobre a foto em questão, que é de 2019 e foi mostrada verdadeiramente em uma reportagem da RBS, afiliada da Globo. Ademais, a agência afirma que essas publicações “causam desinformação por venderem a hidroxicloroquina como cura da Covid-19, embora não haja comprovação científica de que a substância de fato ajude no tratamento da doença”.

Na 8ª notícia checada¹¹, que apresenta o selo de falsa, o conteúdo difundido diz que “Nelson Teich¹² está auditando todos os números divulgados pelos Estados sobre o Covid-19. Resultado: 1- Números de SP começaram a cair como mágica. 2 - A *Globo* parou de divulgar os números de óbitos. 3 - Estados e Prefeituras avisaram que vão reabrir suas economias.

Dessa vez, temos uma desinformação que coloca em xeque a contagem dos casos de coronavírus pelos órgãos responsáveis no país, causando assim uma confusão na cabeça do público sobre os números. O portal pontuou que, na semana anterior, havia sido veiculada uma *fake news* similar a essa, mas que tratava de uma queda no número de mortes por coronavírus. Vimos até aqui que boa parte dessas notícias são produzidas para fazer o público desacreditar nos órgãos de saúde e duvidar dos danos causados pela doença, como também, não respeitar o isolamento social. É válido mencionar também a utilização de um veículo jornalístico (a Globo) para embasar a notícia falsa. Esse artifício foi utilizado ao afirmar que “a Globo não está mais noticiando o número de casos”, minimizam os efeitos da doença. A agência trouxe, após sua checagem, os verdadeiros dados sobre o cenário da pandemia no estado de São Paulo, que aparecem

¹⁰ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-foto-de-paciente-com-enfisema-pulmonar-para-promover-cura-da-covid-19/>. Acesso em 02 mai. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-obitos-por-covid-19-em-sp-cairam-apos-auditoria-do-ministerio-da-saude/>. Acesso em 02 mai. 2020.

¹² Ministro da Saúde à época.

de forma bem contrária aos que foram disseminados na notícia falsa. Como referências, além da sua própria checagem, ‘Aos fatos’ utilizou o Globo Play e a Secretaria de Saúde do estado de São Paulo.

Na última notícia checada¹³ temos um vídeo falso com imagens e falas do diretor-geral da OMS. “O vídeo compartilhado nas redes sociais é uma montagem feita a partir de imagens de uma fala de Ghebreyesus dublada e legendada de forma enganosa”. A plataforma afirma que “na gravação original, exibida pela *Globo News* no dia 30 de março, o executivo fala, na verdade, sobre os riscos de sistemas de saúde ficarem sobrecarregados devido à pandemia da Covid-19”.

Assim, percebemos de forma ainda mais nítida como as *fake news* são produzidas para atender interesses de grupos. Nesse caso, o vídeo do diretor-geral da OMS foi totalmente modificado e retirado de seu real contexto. Segundo a ‘Aos fatos’, “o vídeo falso tem um minuto e apresenta uma voz diferente [...] afirma que máscaras estão contaminadas e foram fabricadas em locais sem higiene adequada”.

Na checagem percebeu-se ainda que “a gravação também inclui legendas e imagens de cobertura que não constam no vídeo original e que mostram pessoas fazendo máscaras cirúrgicas no chão”. Essa *fake news* toma, como o vírus, proporções mundiais e mexe com a diplomacia brasileira ao causar desconforto com a Índia e a China pelas acusações, ao tempo em que também gera uma certa desconfiança em toda população sobre a utilização desses equipamentos que o Brasil importa. As referências utilizadas para desmentir o boato foram: Aos Fatos, o Ministério da Saúde, G1, O Globo e *The New England Journal of Medicine*.

Considerações finais

Diante desse estudo, compreendemos que a pandemia se tornou um cenário propício às *fake news* por tratar-se de algo novo e com estudos ainda em fase inicial, gerando assim bastante curiosidade no público. A doença proliferou-se em todos os continentes, mexeu com a política, polarizando-a mais ainda, com as relações econômicas e as diplomacias, ao tempo que fez inúmeras vítimas. Tratando-se também

¹³ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-oms-alertou-que-india-e-china-exportam-mascaras-com-coronavirus/>. Acesso em 01 mai. 2020.

de uma questão de saúde pública, vemos que esta pesquisa se torna extremamente necessária.

Assim, os produtores de *fake news* se aproveitam da situação para disseminar a desinformação. Verificamos que a maioria dos conteúdos falsos/distorcidos que circulam são voltados à cura da doença ou receitas de prevenção sem nenhum dado científico que comprove a eficácia; percebemos também que líderes políticos estão diretamente ligados às *fake news* pelas ideologias e interesses, atingindo assim milhares de pessoas com as inverdades, justamente, por serem pessoas públicas e com grande visibilidade. Outro ponto que precisa ser frisado é que muitas das *fake news* se dirigem à China, por ser o local em que a pandemia teve início. Muitas dessas “informações” foram criadas com discursos de ódio contra os chineses, com responsabilizações exacerbadas pelo contexto sofrido pelo mundo.

Observamos que na checagem das notícias analisadas foram utilizados seis tipos de selos distintos para caracterizá-las (falso, distorcido, contraditório, insustentável, impreciso e verdadeiro), assim, ficando nítido como as *fake news* são maleáveis e se adequam às ocasiões de diferentes formas. Ademais, é imprescindível destacar a diversidade de fontes utilizadas durante a checagem, embasando-a e deixando com simples compreensão ao público como todo o processo foi feito. Nesse sentido nota-se a importância da atuação *fact-checking* para a sociedade que à mercê de conteúdos imprecisos.

Pontuamos que todos os objetivos desta pesquisa foram atingidos. Notamos como é grande a relevância de discutir um tema tão contemporâneo e, com isso, deixamos a sugestão de possíveis continuações posteriormente, seguindo essa mesma linha de estudo, já que a pandemia ainda está em curso e as *fake news* continuam a todo vapor, no momento em que finalizamos este trabalho.

Referências

BARBOSA, Suzana. Do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHA, J. (Org). **Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLIKSTEIN, Isidoro; FERNANDES, Manoel; COUTINHO, Marcelo. **Fake news e o mundo corporativo**. GVExecutivo. V 17. N 5. set/out 2018. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/gv_v17n5_ce3.pdf. Acesso em: 23 mai.2020.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society**. Volume I. The Information Age: Economy, society and culture. Oxford, Blackwell Publishers, 1996.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. Rev. Col. Bras. Cir. vol.34 nº.6. Rio de Janeiro Nov./Dec. 2007.

COSTA, Livia Maria da Silva. **O jornalismo digital e as fake news: um estudo das plataformas digitais de Fact-Checking “Lupa” e “Aos fatos”**. TCC. Uespi. Picos-PI. Dezembro/2018.

FRIAS FILHO, Otávio. **O que é falso sobre as fake news**. Revista USP. São Paulo. N 116. p.39-44. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576/140222>. Acesso em 16 mai. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2017.

LAGO, Claudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Marcia Benetti (Orgs.). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. Intercom. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 05 a 09 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>. Acesso em 18 mai. 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade**. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? Contemporânea, vol. 2, nº 2 p. 09-22, dez 2004. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/%0BviewFile/3416/2486>. Acesso em 17 mai. 2020.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MONTEIRO, Andreia. **As ferramentas digitais e a viralização das fake news: uma análise sobre os motivos que podem contribuir para a propagação dos conteúdos falsos na internet**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo). 65 p. Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. Picos, 2018.

ROCHA, Bernardo Abbad; LAVARDA, Suélen de Lima; SILVEIRA, Ada C. Machado. O avanço das fake news e sua retratação na mídia de referência. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1477-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

SANTOS, G. A.; COUTINHO, V. S.; CARVALHO, M. S. **A Utilização do Instagram como Meio Produtor e Propagador de Conteúdo Jornalístico**. Intercom. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0047-1.pdf>. Acesso em 18 mai. 2020.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **Abordagem quantitativa-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan. /abr. 2017. ISSN 0102-6801.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença. 1995.